



A ÂNSIA ETERNA, A VIOLÊNCIA, O SILENCIAMENTO E O GROTESCO EM *OS PORCOS*, DE JULIA LOPES DE ALMEIDA

Iaranda Jurema Ferreira Barbosa (UFPE)¹
Orientadora: Fabiele Stockmans de Nardi (UFPE)²

RESUMO

Julia Lopes de Almeida foi uma abolicionista do século XIX e uma das idealizadoras da ABL. O objetivo da discussão é resgatar essa escritora, tomando como base o processo de silenciamento e violência que atinge as mulheres dentro e fora do âmbito literário e personificado por Umbelina em *Os porcos*, escrito em 1903. A referida obra não faz parte do cânone nem tampouco do conhecimento do grande público e reflete as mazelas sociais resultante de anos de submissão e ausência de reconhecimento, sobretudo, da crítica que fomenta, grotescamente, pontos cegos na escrita feminina na historiografia da literatura. O referencial teórico compõe-se, principalmente, por Woolf (1928), Telles (1988), Perrot (2005) e Colling (2004). Discutiu-se a representação dessa mulher que anseia sair do silenciamento, que, por sua vez, também é uma forma de violência.

Palavras-chave: Gênero, Literatura, Silenciamento, Violência, Grotesco.

INTRODUÇÃO

A luta feminina por direitos tais como respeito, igualdade, equidade, direitos e reconhecimento profissional perpassa pela questão da visibilidade. É inegável que o apagamento ao qual a mulher sempre esteve submetida por uma sociedade patriarcal também se reflete em outras instâncias. Logo, com as artes, de modo geral, e com literatura, de modo específico, não é diferente. Julia Lopes de Almeida é um claro exemplo de como o machismo e a misoginia estendem seus tentáculos e alcançam a crítica, o público e a formação do cânone. Entretanto, eles não foram capazes de sufocar o legado de uma brilhante escritora que, juntamente com outras, está sendo resgatada devido, em grande parte, à presença feminina nos espaços de poder destinados à teoria e à crítica.

Esta pesquisa forma parte deste resgate ao abordar não apenas os acontecimentos fictícios como também empíricos que envolvem a referida escritora e idealizadora da Academia Brasileira de Letras, órgão este que está no cerne da questão, a partir do momento

¹ Doutoranda em teoria da literatura (UFPE), iarandabarbosa@gmail.com

² Professora Doutora da Universidade Federal de Pernambuco. Orientadora: fabielestockmans@gmail.com



em que seus integrantes impediram a indicação do nome de Julia Lopes de Almeida para candidatar-se a uma vaga na ABL, pelo simples fato de ser mulher. Realizou-se, portanto, uma síntese da obra *Os porcos*, relacionando-a ao contexto no qual ela foi escrita e às referências estéticas da época. Método este que revelou uma completa interação da obra e da escritora às discussões literárias voltadas para o real-naturalismo. A análise proporcionou a ampliação de novas perspectivas tanto no campo dos estudos de gênero quanto no campo relacionado à formação de professores que, em não raros casos, não são apresentados, durante o processo de letramento acadêmico, a figuras brilhantes como Julia Lopes de Almeida.

METODOLOGIA

A metodologia do artigo esteve pautada em realizar uma leitura crítica da obra, apoiando-se em um referencial teórico tanto voltado para os estudos de gênero quanto para as discussões da teoria literária. Ademais, foram realizadas pesquisas através dos suportes tecnológicos em sites e revistas digitais especializadas com o propósito de ampliar o horizonte discursivo.

DESENVOLVIMENTO

Os porcos é uma das trinta narrativa que compõem o livro *Ânsia Eterna* (1903), da escritora, e de uma das idealizadoras da Academia Brasileira de Letras, Julia Lopes de Almeida. O conto retrata a história de Umbelina, uma cabocla que é engravidada pelo filho do dono da fazenda onde trabalhava. O pai da protagonista recusa aceitar o neto e, após agredi-a fisicamente, ameaça jogar a criança como alimento aos porcos. A roceira, então, decide levar a gravidez adiante e matar a criança na soleira da porta da fazenda, como vingança pelo abandono, para que o amante sinta remorso ao ver o próprio filho recém-nascido morto. Ao entrar em trabalho de parto, Umbelina dirige-se à fazenda, entretanto, o bebê nasce no meio do caminho. Muito fraca, ela apenas tem tempo para prestar os primeiros cuidados ao filho e desmaia. Ao acordar, na iminência da morte, a cabocla vê uma porca aproximar-se e levar a criança consigo.

Vale ressaltar que a atitude do pai de Umbelina se inclina mais para uma questão econômica que social. Quer dizer, uma gravidez representaria mais uma despesa a mais, um indivíduo a mais para ser alimentado. Logo, a virgindade, ou a desonra da filha não aparece como problema, visto que nos é revelada pela voz narrativa uma lembrança da cabocla em

relação a um bracinho de uma criança, encontrado próximo ao chiqueiro um bracinho. Episódio este associado à obra do pai. Tal fato nos leva a deduzir um possível irmão/irmã que fora assassinado(a), pois a família de Umbelina constitui-se apenas dela, do pai e da mãe.

Para Umbelina, a crueldade não se configura em matar o filho, mas sim em entregá-lo aos porcos, seres repulsivos e perturbadores que podem ser interpretados como metáfora de uma sociedade masculina, sexista, patriarcal e misógina que se enxovalha diante da permissividade, do egoísmo e das atrocidades físicas, morais e simbólicas para com a mulher: *“Via-os sempre ali, arrastando no barro os corpos imundos, de pelo ralo e banhas descaídas, com o olhar guloso, luzindo sob a pálpebra mole, e o ouvido encoberto pela orelha chata, no egoísmo brutal de concentrar em si toda a atenção”* (ALMEIDA, 1903, p. 34).

Umbelina representa uma mulher não apenas em silêncio, mas também silenciada, haja vista o uso do discurso indireto livre, no qual a voz narrativa em terceira pessoa se mescla com os pensamentos e os sentimentos da protagonista. Em outras palavras, a história da mulher não é contada por ela mesma, mas sim por outrem que se sente no direito, inclusive, de expor as angústias e as inquietações que não lhe pertencem. Umbelina é objeto de prazer *“O amante, filho do patrão, tinha-a posto de lado... diziam até que ia casar com outra! de desejo quando lhes interessa”*, é objeto de desejo configurado pelo ‘exotismo’ da miscigenação *“[...] achavam-na todos bonita, no seu tipo de índia, principalmente aos domingos, quando se enfeitava com as maravilhas vermelhas, que lhe davam colorido à pele bronzeada e a vestiam toda com um cheiro doce e modesto...”*; é objeto de riso *“Ai! iam ver agora quem era a cabocla! Desprezavam-na? Riam-se dela? Deixavam-na à toa, como um cão sem dono? Pois que esperassem! [...]”* é objeto inútil *“Ela estava perdida. Em casa não a queriam; a mãe renegava-a, o pai batia-lhe, o amante fechava-lhe as portas... e Umbelina praguejava alto, ameaçando de fazer cair sobre toda a gente a cólera divina!”* Umbelina é **objeto**.

O silenciamento da personagem é reflexo de obediência, resignação e passividade forçadas nas quais a mulher precisou enquadrar-se inclusive para continuar existindo. As violências retratadas na obra de Julia Lopes de Almeida vão além das questões puramente literárias e transpassam as fronteiras da ficção. Elas se configuram enorme lacuna existente nos estudos literários, na historiografia da literatura e na formação docente que invisibiliza a mulher escritora e a condena ao esquecimento. A própria autora em questão, ao lado de grandes nomes oitocentistas como Narcisa Amália, Maria Firmina dos Reis e Albertina Bertha, por exemplo, possuía um caráter abolicionista, a favor da luta pela emancipação

feminina. O grupo de mulheres das letras, poetisas, cronistas, jornalistas, subversivas, insubordinadas, transgressoras e fora do padrão quis sair do vulto de homens e por isso enfrentaram a condenação do apagamento canônico, crítico e mercadológico, embora tenham esgotado edições e produzido durante décadas. Já que:

Os historiadores fizeram a historiografia do silêncio. A História transformou-se em relato que esqueceu as mulheres, como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo, fora do acontecimento. Elas, porém, não estão sozinhas neste silêncio-profundo. Elas estão acompanhadas de todos aqueles que foram marginalizados pela História, como os negros, os índios, os velhos, os homossexuais, as crianças, etc. Escrever a história das mulheres, portanto, é libertar a história. Libertar a história das amarras das metanarrativas modernas, falocêntricas (COLLING, 2004, p. 31).

A literatura mundial, em meio aos manuais e às antologias relacionadas aos grandes nomes que compõem obras essenciais para o processo de formação intelectual dos leitores, apresenta-se predominantemente masculina, inclusive em áreas que atualmente são estereotipadas como menores ou ‘femininas’, a exemplo dos contos de fada e aquelas relacionadas à subjetividade ou à imaginação. No contexto das escritoras oitocentistas e brasileiras, mais especificamente, Zahide Lupinacci Muzart, em *Escritoras brasileiras do século XIX* (2000), organiza e resgata o nome de 52 escritoras desse período. A obra, desde a primeira edição até o ano de 2009 editou três volumes, somando mais de três mil páginas. Nelly Novaes Coelho, por sua vez, no *Dicionário crítico de escritoras brasileiras* (2002) registra 1401 escritoras, iniciando em 1711 e findando em 2001.

Na esteira dessas obras, vieram à luz muitas outras, de cunho regional, tais como *Antologia das escritoras piauienses* (2009), organizada por Algemira de Macêdo Mendes, Marleide Lins de Albuquerque e Olívia Candeia Lima Rocha e *Escritoras do Rio Grande do Norte* (2013), com organização de Constância Lima Duarte e Diva Maria Cunha Pereira de Macedo. A produção dessas obras é fulcral para o enfrentamento de textos basilares para os estudos literários, produzidos por críticos como Silvio Romero, Bosi e em Antonio Candido, mas que as mulheres aparecem apenas mencionadas. Um documento extremamente importante para a construção dessas obras acima citadas é o *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* (1883), de Sacramento Blake, que abarca a bibliografia de autores brasileiros desde o período colonial até o século XIX e apresenta, entre eles, quase 60 autoras – um reconhecimento mais incisivo após a segunda metade do século XX.

Trazer à ordem do dia essas escritoras é incidir luz sobre problemáticas pertinentes e atuais. O episódio entre Julia Lopes de Almeida e a Academia Brasileira de Letras (ABL –

órgão que teve entre os pensamentos idealizadores os da autora em questão) traz à tona, por exemplo, a utilização de outras instâncias, como a gramática, para validar a intolerância referente à presença de mulheres inteligentes, competentes, leitoras de seu tempo, criativas e, por que não dizer, superiores intelectualmente a muitos homens de sua época. Fanini (2009) estuda e analisa magistralmente a figura de Julia Lopes de Almeida e a negativa, por parte dos jogos sexistas e de poder, praticados pelos homens da academia, que a impediram de ocupar uma cadeira e tornar-se imortal. Além da ‘justificativa’ pautada na concepção de a ABL ter sido idealizada aos moldes da Academia Francesa – que por sua vez não incluía mulheres – os membros da Academia argumentaram que o regimento trazia o termo ‘brasileiros’ e, portanto, a presença feminina estava excluída (FANINI, 2009). A vaga, então, passa a ser ocupada por Filinto de Almeida, marido da escritora, que inclusive contradizia uma das normas, pois não era brasileiro, e sim português. Entretanto, novamente as articulações internas encontraram meios de mantê-lo na vaga. Ainda segundo Fanini (2009), as atas oficiais da criação da ABL não continham o nome de Júlia Lopes de Almeida que, por sua vez, silenciou-se, absteve-se de realizar pronunciamento público e/ou escrever artigos sobre o ocorrido. Contudo, a pedido do marido, houve a criação de um prêmio com o seu nome – embora tenha durado pouco mais de uma década.

Trinta e três anos após esse fato, o rechaço a ABL em relação a outra artista ressurgiu, dessa vez com Amélia Beviláquia e, para endossar o discurso misógino, antes em certa medida camuflado pela questão gramatical, os membros decidem realizar um adendo aos documentos da academia e explicitam que apenas ‘brasileiros do sexo masculino’ poderiam ocupar uma cadeira. No trânsito desses binarismos, polaridades e androcentrismos, apenas em 1977 a ABL admite uma mulher como imortal, a escritora Raquel de Queiroz, não sem ressalvas, legitimação masculina e, principalmente polêmicas, pois ela era prima de Castelo Branco, um dos articuladores do golpe militar brasileiro de 1964. Ademais, embora o seu primo não necessariamente possa não ser considerado uma influência direta na “aceitação” de Raquel de Queiroz na Academia, é sabido que o discurso direitista e conservador da escritora alinhava-se com a política de estado da época e, portanto, também aparece como grande peso nesse processo.

Cabe ressaltar que a gênese dessa tentativa de silenciamento, apagamento e invisibilidade está estruturada por diversos fatores organizados em uma cadeia fomentadora de um efeito cascata. Sendo mais clara e específica, entre os elos desse encadeamento estão o desinteresse parte da crítica, formada majoritariamente por homens detentores de um poder

quase divino destinado a legitimar quem deve pertencer ao cânone; conseqüentemente, a escassez (e em alguns casos inexistência) figuras femininas ligadas às letras nos livros didáticos; as lacunas existentes nos cursos de formação de professores, cada vez mais alargadas pelo pouco interesse/conhecimento docente e discente pela pesquisa de escritas femininas; o contexto social, configurado tanto pela taxa de analfabetismo, que no século da monarquia (1890, mais especificamente), para pessoas de 5 anos ou mais representava cerca de 82% (FERRARO; KREIDLOW, 2004); a disparidade entre as regiões com o passar dos anos, principalmente com a política de embranquecimento que fomentou a imigração a instalação de europeus alfabetizados para as regiões Sul e Sudeste e, conseqüentemente, investimentos (que incluíam a educação) governamentais para receber esses imigrantes. Por conseguinte:

Neste sistema falocêntrico que é transmitido, logocentricamente, a partir da tradição oral da cultura, institui-se um cânone que privilegia determinados seres - homens - de determinada raça - brancos - e de uma certa classe social - ricos. As mulheres, os negros, e outras "minorias" (nem sempre numéricas) veem-se excluídos das posições sociais mais elevadas, dos estudos acadêmicos, das editoras, dos cânones literários, e, assim, não surgem como formadores de opinião (LOBO)³.

Contudo as mulheres nunca pararam de produzir, consumir nem tampouco lutar para ocupar espaços de poder e expressão. Embora o sistema vigente não permitisse um rompimento total, elas combateram e combatem as mais variadas formas de estereótipos, em especial os relacionados aos gêneros textuais. Pois a escrita feminina esteve durante muito tempo associada a diários, cartas, poemas de amor, literatura infantil ou infanto-juvenil. Ou seja, a mulher não estaria inclinada a discutir temas "sérios". Tal contexto também esteve reforçado por inúmeras revistas femininas que tratavam de assuntos domésticos, do mundo da moda e indicavam comportamentos esperados por parte da mulher tanto no espaço privado quanto no espaço público.

Cabe destacar que a obra de Julia Lopes de Almeida, de modo geral, é inclassificável no que se refere a enquadrá-la em uma escola literária específica. Prática essa inventada pela historiografia da literatura a fim de, provavelmente pela questão didática, facilitar o estudo de obras e autores. Contudo, a importância de um autor e suas respectivas obras independe de movimentos artísticos. O artista cria (ou não) sob os moldes de uma estética vigente, mas é livre para transitar em outras instâncias criativas. Muito provavelmente o critério excludente

³ LOBO, Luíza. A literatura de autoria feminina na América Latina. Disponível em: <<http://filipe.tripod.com/LLobo.html>>. Acesso em: 21 maio 2019.

da estética foi e é utilizado para determinar a formação do cânone. Inclusive inserindo autores em escolas totalmente incompatíveis com suas produções, considerando, não raras vezes, quase exclusivamente o fator cronológico.

É perceptível que *Os porcos* resvala em características real-naturalistas, embora não seja necessário que uma obra se encaixe obrigatoriamente em uma estética, pois a literatura não está obrigatoriamente vinculada a escolas ou a movimentos literários, mas sim ao processo criativo e estético de cada artista. Entretanto é impossível não perceber marcas das discussões da época na qual ela foi escrita, seja para criticá-las seja de forma laudatória. A forma como Julia Lopes de Almeida aborda as questões sexistas, religiosas e sociais é extremamente sutil e tácita. A autora trabalha as polaridades de uma mulher na ânsia de amar, odiar, matar, salvar, viver. A desmistificação da maternidade se confunde com o 'instinto' de proteger a cria, o fruto de um amor não correspondido, falso por parte do amante. Assim, somos expostos a passagens que indicam essa personagem em meio a dicotomias:

Essas coisas rolavam-lhe pelo espírito, indeterminadas e confusas. A raiva e o pavor do parto estrangulavam-na. Não queria bem ao filho, odiava nele o amor enganoso do homem que a seduzira. Matá-lo-ia, esmagá-lo-ia mesmo, mas lançá-lo aos porcos... isso nunca! E voltava-lhe à mente, num arrepio, aquele bracinho solto, que ela tivera entre os dedos indiferentes, na sua bestialidade de cabocla matuta.

[...]

Uma onda de poesia invadiu-a toda: eram os primeiros enleios da maternidade [...]

[...]

A cabocla então arrancou com os dentes o cordão da saia e, soerguendo o corpo, atou com firmeza o umbigo do filho, e enrolou-o no chalé, sem olhar quase para ele, com medo de o amar... Com medo de o amar!... No seu coração de selvagem desabrochava timidamente a flor da maternidade.

[...]

Descobriu então a meio o corpo do filho: achou-o branco, achou-o bonito, e num impulso de amor beijou-o na boca. A criança moveu logo os lábios na sucção dos recém-nascidos e ela deu-lhe o peito (ALMEIDA, 1903, pp. 35-40).

Em meio a essas ambivalências, Telles (1988) afirma:

O discurso sobre a "natureza feminina", que se formula no século XVIII e se impõe à sociedade burguesa em ascensão, define a mulher, quando maternal e delicada, como a força do bem. O anjo do lar. Mas, ela é também potência do mal quando sai da esfera privada ou usurpa atividades que não lhe são culturalmente atribuídas. Torna-se então um monstro: bruxa, malvada ou decaída. Anjo ou monstro, este discurso que naturaliza o feminino coloca-o além ou aquém, mas sempre fora da cultura. A tradição estética, por sua vez, define a criação artística como um dom essencialmente masculino.

A escolha lexical revela, ademais de uma escrita extremamente poética, a composição de personagens que trazem à tona passividade, resignação marginalização e determinismos

tão caros à época e contestados e problematizados pela autora: “Ninguém pôde fugir ao seu destino, diziam todos; estaria então escrito que a sua sorte fosse essa que o pai lhe prometia — de matar a fome aos porcos com a carne da sua carne, o sangue do seu sangue?!” (ALMEIDA, 1903, p. 35).

Ademais as questões religiosas (“Onde se esconderia o grande Deus, divinamente misericordioso, de quem o padre falava na missa do arraial em termos que ela não atingia, mas que a faziam estremecer?”) e, principalmente as ligadas ao estigma da raça, determinista, fazem-se presentes sobretudo por meio da escolha lexical (“coração selvagem”, “bestialidade de cabocla matuta”). O léxico também aparece na imbricação da voz narrativa com o pensamento da personagem, expurgando os sentimentos guardados por esses adjetivos a ela atribuídos pelas outras pessoas. Vale a pena chamar a atenção para a repetição da palavra “cabocla” sempre em situações mais ‘animalescas’ como a hora do parto, por exemplo, reforçando os estereótipos da personagem.

Os termos relacionados a um cenário noturno aparecem associados a elementos da natureza, configurando um ambiente rural, distante, solitário onde Umbelina não pode ser ajudada por ninguém (“rumores noturnos” “olhar sinistro”, “céu profundo”, “madrugada”, “lunar” “a lua muito grande, muito forte, muito esplendorosa!”). Código cromático compõe o espaço narrativo que surge em gradações que se alternam de acordo com cada fase, sentimento, percepção, pensamentos, estado de alma da heroína:

flores douradas azul; alisando com um pente vermelho de celuloide o cabelo negro e corredio; alourados pelo pó do milho; maravilhas vermelhas; O céu estava limpo, azul; O luar com a sua luz brancacenta; Umbelina ladeou a roça de milho, já seca, muito amarelada; passou depois o grande canavial, d'um verde d'agua, luz branca, vulto negro, cor de rosa

Bastante visceral, a narrativa, a partir do momento do parto, culmina em uma descrição que atinge o clímax quando a focalização sai de Umbelina e passa a privilegiar, novamente de modo mais detalhado, o verdadeiro protagonista da história: os porcos:

[...] Foi no meio daquela doce transformação da luz que Umbelina mal distinguiu um vulto negro, que se aproximava lentamente, arrastando no chão as mamas pelancosas, com o rabo fino, arqueado, sobre as ancas enormes, o pelo hirto, irrompendo raro da pele escura e rugosa, e o olhar guloso, estupidamente fixo: era uma porca.

Umbelina sentiu-a grunhir, viu confusamente os movimentos repetidos do seu focinho trombudo, gelatinoso, que se arregaçava, mostrando a dentuça amarelada, forte. Um sopro frio correu por todo o corpo da cabocla, e ela estremeceu ouvindo um gemido doloroso, dolorosíssimo, que se cravou no seu coração aflito. Era do filho! Quis erguer-se, apanhá-lo nos braços, defendê-lo, salvá-lo... mas continuava

a esvair-se, os olhos mal se abriam, os membros lassos não tinham vigor, e o espírito mesmo perdia a noção de tudo. Entretanto, antes de morrer, ainda viu, vaga, indistintamente, o vulto negro e roliço da porca, que se afastava com um montão de carne pendurado nos dentes, destacando-se isolada e medonha naquela imensa vastidão cor de rosa (ALMEIDA, 1903, p. 41).

Os núcleos étnicos, a metáfora dos porcos que se alimentam dos filhos dessas mulheres subjugadas por uma estrutura patriarcal, ansiosa por se eternizar, mas que encontra obstáculos em corpos e mentalidades independentes. Essas assimetrias de poder, endossadas pela transmissão da cultura fomentou uma gama de imagens e mitos no tocante à maternidade, à idealização da mulher, ao sexo frágil, que compõe a tríade das virtudes: obediência, silêncio e delicadeza. Contudo:

[...] a irrupção de uma presença e de uma fala femininas em locais que lhes eram até então proibidos, ou pouco familiares, é uma inovação do século 19 que muda o horizonte sonoro. Subsistem, no entanto, muitas zonas mudas e, no que se refere ao passado, um oceano de silêncio, ligado à partilha desigual dos traços, da memória e, ainda mais, da História, este relato que, por muito tempo, “esqueceu” as mulheres, como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo, ou ao menos fora do acontecimento (PERROT, 2005, p. 9).

Nesses espaços obscurecidos, surgem os vultos femininos que pairam como fantasmas sobre as cabeças masculinas. A ausência de sons não significa o apagamento, pois a escrita é um registro passível de ser resgatado e revisitado por uma eternidade. Se esteticamente podemos classificar o cenário de *Os porcos* como grotesco, empiricamente esse mesmo adjetivo pode ser utilizado para as atitudes referentes tanto ao contexto acadêmico quanto social. Grotesco e violento é o destino de Umbelina, de Julia Lopes de Almeida e de tantas outras mulheres que ousaram enfrentar o patriarcado rural, urbano ou qualquer outro. Todavia, o empoderamento dessas mulheres de papel e da vida real conquistada a cada passo – mesmo aparentemente lento – desafiar os paradigmas e exigir mudanças no tocante aos modos de validação do autor e da obra, haja vista que a formação do cânone vai mais além de critérios como público, crítica, mídia, mercado editorial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O grotesco, portanto, não está apenas na estética, mas também na sociedade que subjugou a mulher nas mais variadas esferas, inclusive, na crítica literária, majoritariamente branca e masculina. Interpreto a ânsia eterna ao referir-me ao direito de sermos reconhecidas

onde quer que desejemos nos expressar e, inclusive, ansiamos pelo direito de não nos expressarmos. Ou seja, queremos ter o direito de não reverberar discursos misóginos, inúmeras vezes forçados para que os pronunciemos como, por exemplo, justificar atitudes mais enérgicas a questões fisiológicas.

Características depreciativas como a histeria, a loucura, o nervosismo e a fragilidade estão em não raros casos associados ao mesmo ser que possui doçura, maternidade e sensibilidade. Estas, por sua vez, são passíveis de estarem abrigadas no seio feminino, contudo não é via de regra nem tampouco condição *sine qua non* para configurá-la, haja vista que algumas delas são construções sociais, ensinamentos, exigências de uma sociedade acostumada a dominar.

A mulher apropriou-se da palavra escrita e soube utilizá-la magistralmente. Dessa forma, a mulher-objeto passa a ser mulher-sujeito, mulher-indivíduo, que independe de um gênero masculino genérico para se fazer presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Descortinar Julia Lopes de Almeida e trazer à ordem do dia alguns nomes referentes à mulheres oitocentistas foi imprescindível para revelar a importância das discussões feministas e femininas nas mais diversas instâncias. Um campo aparentemente tolerante e aberto como as artes, do qual esperamos inclusão e repúdio a qualquer tipo de preconceito e discriminação, mostrou-se extremamente excludente. Os episódios aqui apresentados e analisados dentro de uma perspectiva multidisciplinar, ao serem utilizados referenciais sociais, históricos e literários são importantes tanto para o resgate desses nomes que foram violentamente impedidos de pertencer à historiografia da literatura brasileira. Felizmente esse ato grotesco não foi determinante nem suficiente para acabar com o legado dos mais de quarenta anos de produção de Julia Lopes de Almeida nem com as belíssimas obras escritas pelas outras mulheres que a antecederam e sucederam.

Os porcos e todo o contexto do patriarcado rural que subjulgou Umbelina ainda permanecem vivos, devorando nascituros, fetos e crianças – metáforas estas do processo criativo, profissional e pessoal de mulheres fortes, subversivas e independentes. Contudo, a ânsia eterna de sobreviver, possuir voz própria e libertar-se das amarras socioculturais impostas sob o véu da tradição é superior a qualquer tipo de violência e, por conseguinte,

possuirá ressonância a cada evocação, cada vez que esses nomes femininos forem pronunciados e/ou escritos.

Finalizo com uma passagem da obra *Um teto todo seu* (1928), de Virginia Woolf, em relação à ficcional personagem irmã de Shakespeare, criada em uma opressora, aprisionadora, dominadora estrutura patriarcal, que se assemelha ao contexto de muitas mulheres ficcionais e reais:

Extraíndo sua vida das vidas das desconhecidas que foram suas precursoras, como antes fez seu irmão, ela nascerá. Quanto a ela chegar sem essa preparação, sem esse esforço de nossa parte, sem essa certeza de que, quando nascer novamente, achará possível viver e escrever sua poesia, isso não podemos esperar, pois seria impossível. Mas afirmo que ela viria se trabalhássemos por ela, e que trabalhar assim, mesmo na pobreza e na obscuridade, vale a pena (WOOLF, 1928, p. 138).

REFERÊNCIAS

COLLING, Ana Maria. Gênero e História. Um diálogo possível? **Contexto e Educação**. UNIJUI, Ano 19, n. 71/72, jan./dez. 2004, pp. 29-43. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1131>>. Acesso em: 20 maio 2019.

FANINI, Michele Asmar. **Fardos e Fardões**: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003). USP – Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Sociologia. SP, 2009. 387 p. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-19022010-173143/pt-br.php>>. Acesso em: 20 maio 2019.

FERRARO, Alceu Ravanello; KREIDLLOW, Daniel. Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais. **Educação e Realidade**, V. 29, n. 2, pp- 179-200 jul/dez 2004. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/25401/14733>>. Acesso em: 20 maio 2019.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

TELLES, Norma. Sonhos e iluminações das mulheres loucas da literatura e ilustrações. **Revista Escrita**, Ano XIII – nº 39 - 1988, pp.22-26,

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Círculo do Livro. S.A. 1928.